
Do método marxiano à América Latina: notas metodológicas para apreender a periferia capitalista

Gustavo de Aguiar Campos y Isabel Fernandes de Oliveira

RECIBIDO: 3 de abril de 2023
APROBADO: 18 de junio de 2023

Do método marxiano à América Latina: notas metodológicas para apreender a periferia capitalista

Gustavo de Aguiar Campos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gustavodeaguiarcampos@hotmail.com

Isabel Fernandes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
fernandes.isa@gmail.com

Resumen

No presente artigo objetiva-se uma apreensão dos princípios ontológicos fundamentais da teoria social marxiana e a sua importância para a análise histórico-concreta, ancorada no Materialismo Histórico-Dialético, da realidade da América Latina. Trata-se de uma discussão teórica, buscando, a partir de Karl Marx, György Lukács e do pensamento social crítico latino-americano, elucidar algumas questões centrais para a compreensão dialética entre parte e todo, no caso, entre modo de produção capitalista em geral e formação social em particular. O trabalho, dividido em dois eixos, compõe notas para a análise da realidade a partir de um marxismo vivo, ortodoxo ao método. Conclui-se a importância de que a pesquisa acerca do subcontinente latino-americano se faça enquanto agir interessado na transformação da divisão social e internacional do trabalho.

Palabras clave: *materialismo histórico-dialético – marxismo – método – América Latina*

Abstract

This article aims to understand the fundamental ontological principles of Marx's social theory and its importance for the historical-concrete analysis, anchored in the Historical-Dialectical Materialism, of the reality of Latin America. This is a theoretical discussion, seeking, from Karl Marx, György Lukács and Latin American critical social thought, to elucidate some central issues for dialectical understanding between part and all, in this case, between capitalist mode of production in general and social formation in particular. The work, divided into two axes, composes notes for the analysis of reality from a living Marxism, orthodox to the method. The conclusion retains in the importance of the research about the Latin American subcontinent to act as interested in the transformation of the social and international division of labor.

Keywords: *dialectical & historical materialism – Marxism – method – Latin American*

Introdução

No bojo das ciências humanas e sociais parece ter se ampliado, nas últimas décadas, a crítica à um falso universalismo que compõe, como ressalta Samir Amin (2021), o eurocentrismo como cultura e ideologia moderna. O eurocentrismo em sua expressão teórica é, para o autor, a tentativa de tomar uma realidade particular como universal, portanto, uma deformação da realidade realmente existente.

Diante da crítica a esse falso-universal eurocentrista diferentes perspectivas epistemológicas e metodológicas vêm se desenvolvendo (Miglievich, 2016). Esse giro crítico de olhar as particularidades das diferentes regiões do globo – com seus diferentes nomes: países do sul global, da periferia, subdesenvolvidos, dependentes etc. - marca um posicionamento importante.

Nesse interregno, a Teoria Social Marxiana¹ e as tradições marxistas contribuíram e, ao mesmo tempo, foram objeto de crítica diante de um suposto eurocentrismo. José Aricó, por exemplo, apontou no seu clássico *Marx y América Latina* (1980/2009), que haveria um descuido de Marx e Engels com a região em virtude das particularidades de seu desenvolvimento, diferente da forma de desenvolvimento capitalista da Europa. Aricó (2009), apontava, ali, que a leitura marxiana acerca da região, embora tenha se modificado ao longo do tempo, não suplantou um certo “europeísmo” que o acompanhava. Críticas posteriores aos limites da interpretação do intelectual argentino podem ser encontradas em Néstor Kohan (2003) ou Flávio Miranda (2016).

A própria tradição marxista latino-americana foi atravessada pelo eurocentrismo, como destaca Michael Löwy (2016) a partir da categorização de três momentos do pensamento marxista na região: um período revolucionário (1920 a 1930), o período stalinista (1930 a 1959) e um novo período revolucionário (a partir de 1960). Para o autor, o século XX é o que marca a proeminência do marxismo na região, embora alguma influência possa ser identificada desde meados do século XIX.

No período analisado, destaca o autor que “o marxismo na América Latina foi ameaçado por duas tentações opostas: o excepcionalismo indo-americano e o eurocentrismo”, sendo o eurocentrismo, para o pensador, o que “devastou o marxismo latino-americano” (Löwy, 2016, p. 12). As duas ameaças dizem respeito à uma única questão, o método. Se, por um lado, o excepcionalismo fetichiza o real, chegando a conclusões de que Marx não pode contribuir à análise concreta da realidade da América Latina, por outro, o eurocentrismo fetichiza Marx, adaptando a realidade concreta da realidade latino-americana à análise marxiana.

Particularmente durante o período stalinista², o que o marxismo latino-americano expressou foi não outra coisa que o empobrecimento da teoria social marxiana, com um materialismo vulgar e economicista. Isso, aliás, muito mais que uma questão somente de

¹ Teoria Social Marxiana e pensamento marxiano englobam os escritos originais de Karl Marx e Friedrich Engels, já tradição marxista refere-se às diferentes interpretações e atualizações da letra de Marx e Engels, podendo ser considerada enquanto tradições plurais, que se inspiram na obra marxiana (Costa & Oliveira, 2022).

² O stalinismo é definido por Löwy (1987, p. 160) como o período de ascensão, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a nível mundial, de uma camada burocrática marcada pelo dogmatismo e pelo “monolitismo ideológico”, que deformou a teoria social marxiana produzindo um marxismo vulgar.

método, expressou, como ressalta Löwy (2016), uma perda política do potencial revolucionário na região. Tal cenário se transformou, como argumenta Quijano (2007), diante do avanço da luta de classes, que tem significado um reavivamento do marxismo crítico ao stalinismo, com forte influência do pensamento marxista latino-americano.

Os pensadores e pensadoras das tradições marxistas latino-americanas, em especial aqueles(as) que se colocaram como pensadores(as) orgânicos da classe trabalhadora, em suas análises buscaram e continuam buscando a apreensão da nossa realidade concreta. Não se trata de tarefa fácil, tendo em vista essa “realidade rebelde”, como diz Ruy Mauro Marini (2005, p. 137), que ao mesmo tempo expressa as determinações gerais do modo de produção capitalista (MPC) e produz, na sua formação social histórico-concreta, as particularidades próprias à uma economia política de caráter dependente.

O giro crítico e a busca pela apreensão da nossa realidade devem, ao nosso ver, sempre interpelar o marxismo enquanto teoria social revolucionária. Isso porque uma teoria revolucionária – e esse é um dos principais, senão o principal mérito da Teoria Social Marxiana – não pode ser elaborada com “universais abstratos” (Ferrari, 1986, p. 72). Nesse artigo tomamos como ponto de partida que o Materialismo Histórico-Dialético continua sendo, pelo seu conjunto de princípios ontológicos fundamentais, a teoria necessária para a práxis revolucionária. E, se o tomamos como ponto de partida, precisamos tomar também que a análise histórico-concreta deve-se basear na compreensão dialética da realidade material que é um complexo de complexos, uma síntese de múltiplas determinações (Lukács, 2012; Marx, 1858/2011).

Movido então pela necessária crítica aos universais abstratos e sua problemática para uma ciência revolucionária, esse artigo, no formato de ensaio teórico (Meneghetti, 2011), busca trazer uma contribuição ao debate teórico-epistemológico e metodológico acerca da apreensão da realidade latino-americana, enquanto particularidade que compõe o modo de produção capitalista em geral. A América Latina, enquanto região, é uma unidade-diversa que, se considerada homogênea, também se torna universal abstrato. Entretanto, como apontaremos mais a frente, há na região uma unidade que se concretiza não como identidade, mas como materialização da relação heteronômica com outras regiões (Netto, 2013) e, no bojo de uma crítica ao eurocentrismo, nos parece fundamental que tal unidade particular seja apreendida.

Nesse sentido, para um melhor aproveitamento do Materialismo Histórico-Dialético como teoria revolucionária, buscamos resgatar, na primeira parte do artigo, parte dos seus princípios fundamentais necessários à pesquisa de inspiração marxiana para, em seguida, na segunda parte do artigo, sistematizar algumas contribuições para se pensar a realidade latino-americana. Se, como nos ensina György Lukács (2018b), o marxismo é uma ideologia que responde ao conflito fundamental do modo de produção capitalista – a

contradição capital-trabalho – nossos apontamentos só devem fazer sentido para a resposta ao conflito social que emerge, em conjunto com a divisão social do trabalho, com a divisão internacional do trabalho, fazendo da unidade-diversa latino-americana uma realidade marcada por processos abissais de violência, opressão e exploração.

Não é nosso objetivo remontar as diferentes contribuições das tradições marxistas latino-americanas, mas destacar como, nessas, há algo em comum, sua substância histórico-concreta, ou, como ressaltou Löwy (2016, p. 15) “o ponto de vista dialético-concreto” que conformou um “marxismo ‘aberto’”. Nesse interregno, podemos destacar por exemplo o socialismo indoamericano de José Carlos Mariátegui (2007), as reflexões de Álvaro García Linera (2009, p. 483, tradução nossa) sobre o “novo marxismo” que incorpora o movimento indígena e campesino, entre outras.

Nesse sentido, reconhece-se que a tradição histórica do marxismo na América Latina, em sua diversidade de correntes, que se apresentam como marxismos latino-americanos, tem trazido no seu desenvolvimento teórico e político os germens necessários não só à apreensão das particularidades do desenvolvimento capitalista em nossa América, como também à transformação dessa realidade em uma perspectiva anticapitalista, anti-imperialista, antirracista e antipatriarcal.

O método em Karl Marx e a pesquisa de inspiração marxiana

Em Marx não há um tratado metodológico ou um procedimento marxiano de coleta de dados. A intenção do autor em seus estudos principais não foi a realização de uma obra acadêmica ou um método filosófico, mas uma crítica do modo de produção capitalista (Gianotti, 2017; Lukács, 2012). Ainda assim, seguiu “uma metodologia rigorosa e cuidadosamente traçada, buscando uma nova interpretação que pudesse pôr em xeque o pensamento estabelecido” (Gianotti, 2017, p. 59).

Marx opera uma ruptura metodológica fundamental com o idealismo de Hegel ao apontar a separação entre a realidade existente e os meios para o seu conhecimento. Quer dizer, a constituição do ser social em si guarda pouca relação direta com o processo de apreensão e conhecimento desse ser social. O ser social existe, portanto, independentemente da apreensão ou da racionalização do mesmo. Ao mesmo tempo, Marx também opera a ruptura com o materialismo de Ludwig Feuerbach que não reconhece a história teleologicamente orientada pelo trabalho como fundante do ser social (Lukács, 2012). São nessas bases que se constituem as questões metodológicas de apreensão do real operadas por Marx.

Na crítica às relações sociais de produção capitalistas e às interpretações da economia política clássica, Marx buscou analisar as relações sociais no bojo da sociabilidade

burguesa em sua totalidade e em sua existência real e concreta. Como ressalta Lukács, o ser social e, portanto, também o MPC “apenas pode ser adequadamente compreendido em sua totalidade dinâmico-complexa” (2018b, p. 127).

Não se pode realizar uma análise da realidade elegendo dela um elemento em si, mesmo que seja um elemento central. Isso porque esses precisam, eles mesmos, ser desmembrados. Nas palavras de Marx:

o concreto é concreto porque é síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação (Marx, 1858/2011, p. 54).

Quer dizer, seja qual for o objeto que emerge da realidade para a investigação, não é suficiente olhar somente para ele. É preciso compreendê-lo em sua existência real e concreta, em sua existência histórica e em seus nexos com as categorias fundamentais e com prioridade ontológica do real. Por isso, na investigação, torna-se necessário os estudos dos fundamentos desse objeto, no sentido de que esse concreto possa se desmembrar em categorias abstratas para depois retornar ao concreto “como uma rica totalidade de muitas determinações e relações” (Marx, 1858/2011, p. 54).

Tais categorias abstratas são dotadas de historicidade, como produtos de relações sociais que se desenvolvem historicamente e tem seu ápice, em grande parte das vezes, na sociedade moderna burguesa. Nesse ponto, muitas vezes a teoria marxiana é criticada como economicista, justamente porque as categorias econômicas no sentido marxiano (e não no sentido da Economia vulgar como disciplina, como divisão social do conhecimento e da ciência) são, como ressalta Lukács (2012, p. 284) “as categorias da produção e da reprodução da vida humana”, portanto categorias com primazia ontológica.

Quer dizer, a forma como os seres humanos reproduzem sua existência material por meio do pôr teleológico no trabalho, produz, também, esses próprios seres humanos como seres sociais. Daí que o trabalho é considerado a categoria central na análise ontológica do ser social. Trata-se aqui de uma abstração, no nível de reconstituição no pensamento da realidade. Abstração essa fundamental para a compreensão do ser social, mas, nem por isso, suficiente (Lukács, 2018b). Ressalta Lukács (2012) que a abstração é uma parte da realidade e, por isso, não é falsa, mas carece de complementação.

O trabalho como pôr teleológico altera substancialmente o ser humano. Trata-se do “salto ontológico” (Lukács, 2012, p. 287) que afasta o ser humano de sua barreira natural sem, contudo, anulá-la. Com isso, o ser humano se faz por meio da atividade teleologicamente

orientada ser social que tem papel ativo na natureza e nas suas relações sociais. Como grande parte, senão todos os objetos no âmbito da pesquisa em ciências humanas e sociais se debruça na mediação social entre ser humano e natureza, portanto, investigar tal mediação como “um *medium*” (Lukács, 2018b, p. 159) torna-se essencial.

Diz Lukács (2012, p. 291) que “o tratamento central e, sob certos aspectos, frequentemente imanente dos fenômenos econômicos encontra seu fundamento no fato de que neles deve ser buscada e encontrada a força motriz, em última análise, decisiva do desenvolvimento social em seu conjunto”.

Isso não significa também que essas categorias abstratas econômicas são naturais. Como escreve Marx (1858/2011, p. 58) essas “são igualmente produto de relações históricas e têm sua plena validade só para essas relações e no interior delas”³. O que está posto, nesse processo, é “o caminho do conhecimento, e não o da própria realidade” (Lukács, 2012, p. 305) porque nela

o econômico e o extraeconômico convertem-se continuamente um no outro, estão numa irrevogável relação recíproca, da qual porém não deriva, como mostramos, nem um desenvolvimento histórico singular sem leis, nem uma dominação mecânica “por lei” do econômico abstrato e puro, mas da qual deriva, ao contrário, aquela orgânica unidade do ser social, na qual cabe às leis rígidas da economia precisamente e apenas o papel de momento predominante (Lukács, 2012, p. 310).

Nesse sentido também cumpre destacar que o caminho do conhecimento não parte do nada. Portanto, ainda que devam ser consideradas as categorias econômicas como primazia ontológica, ao longo do processo de pesquisa elas pouco se efetivam se apresentadas em si mesmas. É preciso apreender as relações recíprocas entre diferentes categorias econômicas e extraeconômicas que compõem a realidade. E essa realidade em que se converge o econômico e o extraeconômico a qual a pesquisa se debruça, não uma realidade natural, como quis se debruçar o materialismo vulgar em que leis da natureza são transpostas à sociedade, mas a materialidade do ser social, em que os sujeitos, por meio do trabalho, transformam materialmente essa realidade (Lukács, 2012).

Considerando a realidade do ser social como um complexo, em que as partes se relacionam e, nem por isso, constituem o todo como a soma das partes, até mesmo as categorias mais centrais “apenas podem ser compreendidas adequadamente no interior e a partir da qualidade como um todo do nível de ser concernente” (Lukács, 2018b, p. 7).

³ E aqui vale um destaque de que as categorias abstratas econômicas com as quais Marx se deparou na crítica da economia política continuam inteiramente válidas - ainda que não suficientes - para a compreensão do momento atual, diferentemente do que pregam os apologetos do capital com a falsa ideia de fim da história ou diferentes correntes pós-modernas e pós-estruturalistas (Fontes, 2012).

Nisso, diz Lukács, a contradição é o motor permanente do processo de transformação do real e sua compreensão deve suplantar a empiria, na busca das “conexões efetivamente existentes, mas que se apresentam com menor imediatidade” (2012, p. 292). Diferentemente das ciências naturais e das tentativas de transposição destas para as ciências sociais, a perspectiva materialista histórico-dialética constitui uma

cientificidade que não perde jamais o vínculo com a atitude ontologicamente espontânea da vida cotidiana; ao contrário, o que faz é depurá-la de forma crítica e desenvolvê-la, elaborando conscientemente as determinações ontológicas que estão necessariamente na base de qualquer ciência (Lukács, 2012 p. 293).

Esse processo de depuração constitui a compreensão da relação entre fenômeno e essência e como na realidade concreta, contraditória, é preciso ultrapassar a aparência fenomênica que oculta a essência. Trata-se de um caminho crítico, um caminho de “agir interessado”, como diz Lukács (2012, p. 295), que não se esgota na realidade imediatamente dada.

Em síntese, torna-se fundamental o processo de apreensão do real em sua totalidade, buscando se aproximar das suas relações intrínsecas, sendo que a totalidade buscada é a “reprodução ideal do realmente existente” (Lukács, 2012, p. 297). São, assim, três pontos fundamentais: (1) na ontologia do ser social há um afastamento das barreiras naturais, em que se amplia a socialização da produção e reprodução da vida, portanto se ampliando as mediações entre seres sociais e natureza; (2) nesse afastamento das barreiras naturais, o trabalho como pôr teleológico e suas imbricações econômicas (como o valor) tem primazia ontológica, o que não significa que econômico e extraeconômico na realidade realmente existente se desmembrem ou se desenvolvam de forma etapista; (3) a realidade realmente existente do ser social independe da sua apreensão e, por isso, o caminho do conhecimento deve basear-se na totalidade do ser social em sua existência concreta, composta por objetividades próprias as quais não é a racionalização que impera sobre o real.

O método e a América Latina

Como supracitado, diz Lukács que o ser social somente “pode ser adequadamente compreendido em sua totalidade dinâmico-complexa” (2018b, p. 127). Nesse âmbito, a totalidade deve ser, no caminho do conhecimento, desmembrada no sentido de identificar suas determinações essenciais com primazia ontológica, para posteriormente operar o retorno à totalidade concreta representada.

Essa é uma apreensão fundamental à compreensão da América Latina em sua unidade-diversa e em sua particularidade enquanto região marcada por uma via colonial de desenvolvimento e pela relação de dependência com os países centrais, relação essa que agudiza e transfere as mazelas do capital para a região (Chasin, 1978; Marini, 2005). Trata-se de apreender a relação fundamental entre todo e parte, visando compreender a concretude das relações sociais no subcontinente latino-americano e como as determinações gerais do MPC se expressam de maneira particularizada na forma de inserção de cada região no sistema do capital global (Mészáros, 2011).

Para adentrarmos nessa relação entre todo e parte cumpre citar um fragmento de Lukács que pode nos auxiliar:

as categorias gerais do todo e de suas partes sofrem aqui uma ulterior complexificação, sem porém serem suprimidas enquanto relação fundamental: *todo "elemento", toda parte, é também aqui um todo; o "elemento" é sempre um complexo com propriedades concretas, qualitativamente específicas, um complexo de forças e relações diversas que agem em conjunto. Essa complexidade, porém, não elimina o caráter de "elemento"*: as autênticas categorias econômicas são - precisamente em sua complexidade e processualidade, cada uma a seu modo e cada uma em seu posto - algo de efetivamente "último", algo que ainda pode ser analisado, mas não ulteriormente decomposto na realidade (Lukács, 2012, p. 306-307, grifos nossos).

Consideraremos, para essa discussão, o todo como o modo de produção capitalista globalmente dominante e as partes como as formas como as regiões se concretizam e se interrelacionam nesse todo. Ao mesmo tempo, sob certos aspectos da análise, o elemento, a parte, torna-se todo. Isso significa, portanto, a apreensão de um complexo de complexos nos quais cada parte, cada elemento “é sempre um complexo com propriedades concretas” (Lukács, 2012, p. 307) que se dinamizam interna e externamente no desenvolver do MPC.

Desse modo, se por um lado é possível, no processo de conhecimento, isolar a parte - aqui uma região: a América Latina - em virtude de suas propriedades e especificidades, portanto, que permitem a sua apreensão enquanto todo, por outro lado, suas propriedades e especificidades são sobredeterminadas também pelo todo aqui colocado como MPC em geral e as diferentes vias de desenvolvimento em relação. O caminho do concreto pensado, neste âmbito, é, diríamos, “duplo”: a existência concreta da América Latina como todo, composto por múltiplas determinações; e a existência concreta da América Latina como parte de um todo composto por múltiplas determinações.

Isso se explica porque, considerando a historicidade do desenvolvimento real da região, essa só existe enquanto tal em relação com outras regiões e na interrelação das diversas regiões que conformam o todo. Ao mesmo tempo, a região, em seu desenrolar histórico,

econômico e político, assume autonomia relativa na qual sua historicidade “interna” se concretiza.

Tal caminho “duplo” se entrelaça com a própria concepção de apreensão da realidade da tradição marxista. Como ressalta Leandro Konder (2008), é o objeto que deterá, em si, as informações necessárias ao processo de como apreendê-lo. Não se trata de um apriorismo do(a) intelectual, mas a dedução do melhor caminho para apreender esse objeto que tem uma existência concreta independente do(a) pesquisador(a). É justamente nessa existência concreta que se identifica a necessidade de apreender a relação entre singular, particular e universal. Determinados objetos podem ser apreendidos em profundidade quando focalizados, por exemplo, como formação social, mesmo que nunca se autonomize dos aspectos mais gerais, já outros objetos não poderão ser apreendidos sem essa sobredeterminação.

Tomemos um exemplo para melhor elucidar essa relação. Marx (1867/2017), n’O Capital, em específico no capítulo sobre “A assim chamada acumulação primitiva”, apreendeu historicamente o processo de vir-a-ser capitalismo na Inglaterra pela via do revolucionamento burguês e a ascensão da sociedade burguesa sobre os escombros do feudalismo. Convencionou-se denominar tal transformação como “via clássica” de desenvolvimento do capitalismo (Mazzeo, 2015).

Já no caso brasileiro, nos ensinam autores como Florestan Fernandes (2020) e José Chasin (1978), o processo de desenvolvimento capitalista teve outros contornos que não um revolucionamento burguês clássico ou a supressão do feudalismo. Trata-se, como denomina Chasin (1978), de uma via colonial de desenvolvimento. As vias de desenvolvimento do capitalismo - clássica, prussiana, colonial etc. - dizem, retomando Lukács (2012, p. 307) de “complexo[s] com propriedades concretas, qualitativamente específicas” que podem ser apreendidos, no caminho do conhecimento, como todo.

Ao mesmo tempo, como Marx (1867/2017), Chasin (1987), Fernandes (2020) e outros(as) autores(as) ressaltam, tanto o desenvolvimento capitalista pela via clássica, quanto o desenvolvimento pela via colonial (e os demais) só podem ser melhor compreendidos em suas múltiplas determinações quando na relação e nas possibilidades que a colonização deu ao desenvolvimento clássico e ao desenvolvimento colonial. Ou seja, tratam-se, aqui, ao mesmo tempo de um todo e de um elemento do todo.

Essa relação dialética nos parece fundamental para não incorrer em erros de análise no que tange ao desenvolvimento desigual e a conformação de formações sociais que não as de via clássica. Com a chegada do marxismo na região houve o que Konder (1989) denominou como derrota da dialética, expressa pela transposição da letra de Marx e

outros marxistas para a realidade da região - o que, além de atravessar a compreensão do real, implicou as estratégias para transformá-lo.

Ainda que muito comum no bojo dos marxismos, a transposição não mediada da letra de Marx é, para nós, um equívoco em decorrência de diversos aspectos. Primeiro, há de se destacar que a obra marxiana, ainda que fundamental, é insuficiente em virtude do próprio método de análise do real. Lukács (2012, p. 328) ao analisar a lei do valor de Marx, ressalta seu caráter tendencial, afirmando que

a tendencialidade, enquanto forma fenoménica necessária de uma lei na totalidade concreta do ser social, é consequência inevitável do fato de que nos encontramos diante de complexos reais que interagem de modo complexo, frequentemente passando por amplas mediações com outros complexos reais; a lei tem caráter tendencial porque, por sua própria essência, é resultado desse movimento dinâmico-contraditório entre complexos.

Tal constatação nos é útil não só no que tange à lei do valor - e essa é central na teoria social marxiana - mas à obra de Marx como um todo. Sua obra não constituiu, como ressalta Vladimir Lênin (1913/2006), uma Lógica, mas a lógica do capital e, como esse está em constante transformação em decorrência da sua reprodução ampliada, as constatações sobre o capital também devem se mover. O real se concretiza nesse movimento dinâmico-contraditório sobre o qual a teoria deve se debruçar.

Outro ponto que merece destaque no que tange aos possíveis equívocos relacionados à transposição da letra de Marx são as transformações teóricas porque passa o autor. Em alguns momentos Marx incorre em uma visão teleológica e mesmo eurocêntrica da história e do progresso, defendendo-a, já em outros momentos o autor faz uma crítica à uma visão linear da história, com uma virada anticolonialista (Anderson, 2019; Reyna, 2019).

Nesse sentido, como ressalta Cristiane Souza (2020), o método marxiano é ainda mais fundamental para a análise do real que a teoria marxiana⁴. Com o Materialismo Histórico-Dialético é possível, na análise da América Latina, compreender suas particularidades concretas em relação às particularidades concretas de outras regiões e, ao mesmo tempo, com a universalidade concreta do MPC.

⁴ Ao nosso ver, não há uma separação possível entre método e teoria justamente porque, como ressaltamos ao início deste tópico, Marx não objetivou um tratado metodológico - o que fica evidente, inclusive, pelas poucas passagens de sua obra que tratam especificamente desse ponto. Mas, ainda que não separável, o que destacamos é que a pesquisa de inspiração marxiana não pode tornar-se um repetir de todas as análises de Marx, Engels e outros(as) marxistas. Marx, em momento algum, postulou leis sociais, mas tendências identificadas na análise do real e que, muitas vezes, ainda hoje se confirmam.

Por fim, há de se considerar que a obra marxiana é inconclusa. Diz István Mészáros (2021), por exemplo, que era intenção de Marx se debruçar de maneira pormenorizada sobre o Estado, o que não aconteceu em decorrência do momento histórico-concreto da luta de classes. Além disso, parte de seus escritos, especialmente os jornalísticos, ainda estão sendo descobertos, como ressalta Kevin Anderson (2019).

E talvez mais importante seja mesmo o caráter processual e as múltiplas determinações do capital que não são os mesmos, seja no âmbito geopolítico, seja no âmbito histórico. Para nós, a ortodoxia fundamental, como alertou Marini, é a ortodoxia do método. Em suas palavras:

as categorias marxistas devem ser aplicadas, isto é, à realidade como instrumento de análise e antecipações de seu desenvolvimento posterior. Por outro lado, essas categorias não podem substituir ou mistificar os fenômenos a que se aplicam; é por isso que a análise tem de ponderá-las, sem que isso implique em nenhum caso romper com a linha do raciocínio marxista, enxertando-lhe corpos que lhe são estranhos e que não podem, portanto, ser assimilados por ela. O rigor conceitual e metodológico: a isso se reduz em última instância a ortodoxia marxista (Marini, 2005, p. 139).

Isso significa, ao nosso ver, uma defesa intransigente da perspectiva marxiana e da tradição marxista, mas uma tradição viva, permeada pela crítica e autocrítica. Clóvis Moura (2021, p. 43) atenta acertadamente ao que chama de “subordinação ideológica” das ciências sociais na periferia do capitalismo. É justamente o que atentamos aqui no que tange à transposição das análises, sejam elas marxianas ou não, de realidades diferentes para a nossa.

Parte considerável das análises da nossa região ainda hoje se movem em “procurar analogias entre o produzido na matriz e a nossa realidade”, formando “uma ciência de semelhanças, de analogias, sem que as diferenças possam ser consideradas, as particularidades destacadas, as contradições analisadas e os diferenciais entre realidades diversas possam ser estabelecidos” (Moura, 2021, p. 43-44).

Essa subordinação ideológica que Moura (2021) caracteriza está no bojo da dependência científica alertada por Octavio Ianni (1989). Trata-se, para o segundo autor, da expressão no bojo da ciência da dependência estrutural e histórica dos países latino-americanos. Ainda que menos visível que outras expressões das relações desiguais e combinadas entre centro e periferia do capitalismo, no âmbito científico a dependência tem significado, para Ianni, a importação de problemáticas investigadas pelos centros de pesquisa dos países centrais (sejam as problemáticas dessas regiões, sejam das regiões da periferia); as implicações teóricas diante dessas problemáticas; as interpretações equivocadas e/ou insuficientes e; as implicações políticas como resultado dessas interpretações.

Um olhar crítico sobre a dependência científica e a transposição de métodos e análises dos países imperialistas não significa, como o próprio Ianni ressalta, ignorar e/ou escrachar toda a produção científica dessas regiões, mas questionar, também, as “condições de intercâmbio entre os centros científicos” (1989, p. 149). O intercâmbio teórico-metodológico é fundamental, mas deve ser realizado de maneira crítica, justamente porque ciência e ideologia guardam relações, também, no que tange ao imperialismo e à dependência.

O olhar crítico à dependência científica deve significar, nesse sentido, uma ruptura com a “função de ciência auxiliar de uma estrutura neocolonizadora”, como diz Moura (2019, p. 64), que as ciências sociais da região muitas vezes desempenham, marcadas pelo que o autor chama de “traumatismo de nascimento” (Moura, 2019, p. 60) colonizado do pensamento social na região.

Trata-se, assim, de uma forma de compreender as relações entre centro e periferia a partir de sua existência concreta, no caminho científico em que “a ciência reflete adequadamente o desenvolvimento vital da realidade em seu movimento, em sua complexidade, em suas verdadeiras proporções” (Lukács, 2018a, p. 91).

Por isso não se pode isolar a região como singularidade autodeterminada, imediatamente dada e, dessa forma, autoexplicativa. Como ressalta Lukács (2018a), isolar a singularidade é fetichizá-la, falseando assim a realidade concreta em que essa singularidade se relaciona dialeticamente com o particular e o universal. Nas palavras de Juliana Pasqualini e Lígia Martins (2015, p. 364) “a singularidade imediata dos fenômenos não nos revela, pelo contato sensível, sua essencialidade concreta. A singularidade em si mesma está no plano da aparência do fenômeno. Para conhecê-lo, é preciso que sejamos capazes de ir além da aparência”.

Tampouco pode-se realizar uma adequada apreensão do real - da realidade latino-americana aqui - com os pressupostos universais, ou seja, na identificação das leis e tendências universalizantes do modo de produção capitalista⁵. Tais tendências universais são, conforme Lukács (2018a), a mais elevada abstração que abarca as singularidades e, por isso, no processo do conhecimento, deve-se retornar ao concreto pensado. Não se trata de apreender o universal como o que tem em comum, mas como as singularidades se expressam e as particularidades se relacionam entre si em seus vínculos internos (Pasqualini & Martins, 2015).

⁵ A caracterização como singular, particular ou universal é condicional ao nível de abstração. O próprio Marx (1867/2017) ressalta que o MPC é um modo de produção particular na história dos modos de produção e reprodução da vida. De maneira geral, no desenvolver dessa pesquisa, será tratado como universalidade.

Em síntese, o que gostaríamos que ficasse em evidência é que não se deve, em uma análise ancorada na dialética materialista acerca das relações entre centro e periferia, sucumbir a generalizações as quais “o conceito de universalidade é ‘libertado’ de toda relação dialética (determinação, limitação, enriquecimento, concretização, etc.) com a particularidade” (Lukács, 2018a, p. 89), tampouco estagnar-se na singularidade como concreto real, sem chegar ao concreto pensado repleto de determinações. É, dessa forma, encontrar as mediações entre o mais geral e o menos abstrato.

Nesse sentido, a categoria da particularidade tem papel fundamental. Como ressalta Terezinha Ferrari (1986) da leitura lukacsiana, a particularidade possibilita romper com uma leitura da realidade a partir de universais abstratos, o que ganha potencial importância na análise do processo de desenvolvimento capitalista. Como ressalta a autora:

o modo de produção capitalista enquanto universalidade que se põe e repõe, forja vias particulares de objetivação. Há desigualdades históricas entre os países que se inseriram na órbita do capital. A compreensão destas desigualdades é possibilitada pela apreensão das formas particulares de mediação entre o universal e o singular... Então a “anatomia” do universal não é só mantida, como somente se mantém a partir das suas manifestações particulares no ir sendo capitalista. A totalidade das concreções dos vários particulares não são somente faces do universal, mas constituem a totalidade do universal inteiro, o particular preserva e aprofunda traços do universal, determinando-o, e este mesmo é formado por estes traços e neles é preservado (Ferrari, 1986, p. 74).

É considerando a riqueza do pensamento social latino-americano que operou a análise das particularidades do desenvolvimento particular da região que se desenvolveram categorias frutíferas à interpretação do real necessários à uma ciência revolucionária. A ciência marxista, em sua ortodoxia fundamental ao método, deve, ao nosso ver, apreender a realidade dessa região a partir de tal tradição, envolvendo-a, discutindo-a. Essa tradição que, ao olhar o mundo concreto, supera o dogmatismo e, também, a divisão social do trabalho científico.

Vimos se desenvolver, nos últimos anos, diversos estudos que assumem a categoria “América Latina” para a análise, seja a partir do marxismo ou não. América Latina, enquanto categoria, precisa ser melhor elucidada. Concordamos com José Paulo Netto (2013) ao dizer que não existe uma identidade latino-americana. Buscar encontrar essa identidade em meio a povos, culturas, naturezas e histórias tão diversas seria cair em um processo que ceifa a diversidade da região - processo esse, inclusive, de forte cunho imperialista e eurocêntrico.

Mas se não uma identidade comum, o que caracteriza nossa região e nós, latino-americanos(as)? A definição de Netto nos parece interessante: há, na América Latina, uma

unidade-diversa. É uma unidade que se concretiza não como identidade, mas pelos elementos objetivos que se materializam na região em relação às demais regiões, particularmente Europa e América do Norte. Essa unidade latino-americana é construída justamente pela sua heteronomia. Ou seja, “o que une – o que dá unidade real, efetiva, aos povos latino-americanos – é a ameaça imperialista; é a exploração imperialista. Esse dado é um dado objetivo” (Netto, 2013, p. 97).

Nossas diferentes histórias se fundem ao mesmo tempo enquanto particularidade e enquanto universalidade. As diferentes formações sociais filtram (Behring, 2008), particularizam cada país, cada Estado-nação dessa unidade-diversa. Ao mesmo tempo, a forma pela qual a região se entrelaça no sistema do capital global compõe nossa unidade. Trata-se aqui da dialética entre particular e universal que se objetiva no concreto e pode ser representada pela abstração dialética materialista.

Nesse sentido, entre apreender a América Latina a partir de Marx ou apreender Marx a partir da América Latina (Reyna, 2019), nos parece que o fundamental é apreender a América Latina como parte do modo de produção capitalista, não no sentido de uma “ciência de semelhanças” (Moura, 2021, p. 44), mas como nossa América tem essa formação tão particular também em virtude de sua via de desenvolvimento capitalista. Nesse sentido, nos parece que Jaime Ortega Reyna (2019) está correto ao afirmar que o pensamento marxista latino-americano enriqueceu o marxismo de materialidade.

Considerações finais

A discussão empreendida aqui teve como foco algo que, no bojo do marxismo, deveria ser basilar: uma análise materialista histórico-dialética deve apreender a realidade em sua concretude e dinamicidade. O que estava posto em Marx (1858/2011) continua de fundamental importância para tanto. Sucumbir a erros do passado, como a derrota da dialética, é aniquilar o marxismo no que há de ser ortodoxo na tradição, o método. Ao mesmo tempo, as diferentes entradas de outras teorias, construindo um conjunto de pensamentos heterodoxos, como ressaltado por Marini (2005), nos parece desnecessário – o que, mais que um preciosismo, pode (e tem configurado) uma perda do central à teoria social marxiana, a perspectiva da transformação do real.

Distante de uma falsa ortodoxia à letra de Marx por um lado e de um ecletismo teórico-metodológico por outro, a tradição viva do marxismo pode, de fato, servir aos seus fundamentos. Em suma, essa discussão é um convite ao marxismo vivo, marxismo que está sendo feito no calor das transformações porque passa o capital em sua autorreprodução que tudo muda para nada mudar. Precisamos com isso, como aponta Souza (2021, p. 29), romper com as deturpações liberais e mesmo com as “interpretações reducionistas e fragmentadas dentro do próprio campo marxista”.

Ainda que tenhamos citado aqui algumas categorias que nos parecem irremediáveis para a apreensão da realidade latino-americana, não é justo ao marxismo vivo que defendemos deliberá-las, como um receituário para a apreensão da concretude histórica da região. O processo de apreensão do real parte da apreensão das categorias fundamentais, sejam elas as mais abstratas, sejam elas as mais concretas. As categorias apreendidas por Marx são inteiramente coerentes com nossa realidade que é particular e, ao mesmo tempo, uma expressão da generalidade do modo de produção capitalista. É necessário, ao nosso ver, partir delas, construí-las.

Diferentes categorias, sejam aquelas apresentadas por Marx, sejam aquelas cujo pensamento social crítico latino-americano apreendeu da nossa realidade precisam ser movimentadas, compostas – no processo de se fazer concreto pensado – de sua materialidade histórica e dialética. Se o marxismo é ideologia que responde à um conflito social, o conflito de classe fundamental continua em curso, mas, também ele, repleto de sobre-determinações.

Nesse sentido, como já citado anteriormente, o pensamento marxista latino-americano, em sua diversidade e, não poucas vezes, repleto também de uma reprodução eurocêntrica do marxismo, pôde se desenvolver enquanto uma rica possibilidade de apreensão do nosso real. Cabe-nos, nessa responsabilidade com o marxismo vivo, apreender também todos os desenvolvimentos dos pensadores e pensadoras de *Nuestra America*, no sentido de refletir sobre os avanços trazidos por esses e essas na oxigenação constante de uma tradição que se mantém atual enquanto não superada a realidade que visa criticar e transformar.

A difusão do marxismo na América Latina é, sem sombra de dúvidas, um enriquecimento do pensamento social crítico da região, especialmente quando compreendemos a perspectiva ideológica, cultural e acadêmica do Imperialismo, que busca reverberar formas de pensamento colonizado e dependente que respondam às necessidades objetivas da nossa via colonial e do desenvolvimento do nosso capitalismo dependente.

Ao mesmo tempo, se o marxismo enriquece o pensamento crítico latino-americano, por outro lado o pensamento crítico de nossa região também enriquece essa tradição. O forma e o deforma, no sentido de fazer do marxismo tradição viva. Quando o marxismo se depara com as particularidades da contradição capital-trabalho em países que se originam da escravização e expropriação dos seus povos originários e povos negros, ou quando se depara com como a reprodução da força de trabalho na região é marcada pela expropriação do trabalho de mulheres, ou ainda quando se depara com processos de luta de classes marcados por tradições, culturas e formas de resistência desses mesmos povos escravizados, expropriados e explorados, o marxismo se enriquece.

Nesse sentido, a ortodoxia do método é que pode enriquecer o pensamento crítico da região e, em sintonia com isso, enriquecer o marxismo, superando assim o dogmatismo e o ecletismo teórico, sem os confundir com a abdicação da primazia do real, que também é apreendido por outras teorias.

Pensar a história da produção da tradição de pensadores e pensadoras marxistas na América Latina deve ser, invariavelmente, pensar também o método marxiano vivo. Compreendemos que é o método que constitui essa tradição de pensamento social crítico que deve ser constantemente refletido e oxigenado enquanto história viva, já que toda nossa realidade – inclusive os pensamentos – são também históricos.

Referencias bibliográficas

- Amin, S. (2021). *O Eurocentrismo: crítica de uma ideologia*. Editora Lavrapalavra.
- Anderson, K. B. (2019). *Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais*. Editora Boitempo.
- Aricó, J. (2009). *Marx y América Latina*. Fondo de Cultura Económica.
- Behring, E. R. (2008). A formação do capitalismo brasileiro - interpretações do passado e do presente. In *Brasil em contra-reforma: desestruturação do Estado e perda de direitos* (pp. 77-123). Cortez Editora.
- Costa, A. L. F., & Oliveira, I. F. (2022). Psicologia e políticas sociais: uma análise marxista. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(20), 1-23. <http://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP-2022v74.19679>
- Chasin, J. (1978). Premissas, conclusões e futuras aproximações. In *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio* (pp. 603-652). Editora Ciências Humanas.
- Fernandes, F. (2020). *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Kottter Editorial/Editora Contracorrente.
- Ferrari, T. (1986). Ciência e ideologia: a lógica da particularidade segundo Georges Lukács. *Projeto História*, 5, 71-80. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12310>
- Giannotti, J. A. (2017). Considerações sobre o método. In: K. Marx. *O capital. Livro I* (pp. 59-73). Editora Boitempo.
- Ianni, O. (1989). *Sociologia da sociologia: o pensamento sociológico brasileiro*. Editora Ática.
- Kohan, N. (2003). *Marx en su (Tercer) Mundo: hacia un socialismo no colonizado*. Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello.
- Konder, L. (1989). *A Derrota da Dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta*. Editora Campus.
- Konder, L. (2008). *O que é dialética*. Editora Brasiliense.
- Lênin, V. (1913/2006). *As três fontes*. Expressão Popular.
- Linera, A. G. (2009). *La potencia plebeya: acción colectiva e identidades indígenas, obreras y populares en Bolivia*. Siglo del Hombre Editores.
- Löwy, M. (1987). *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. Editora Busca Vida.
- Löwy, M. (2016). Introdução: pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. In: *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais* (5a ed., pp. 11-65). Expressão Popular.
- Lukács, György. (2012). *Para uma ontologia do ser social I*. Editora Boitempo.
- Lukács, György. (2018a). *Introdução a uma estética marxista*. Editora Coletivo Veredas.
- Lukács, György. (2018b). *Para a ontologia do ser social*. Volume 14. Editora Coletivo Veredas.
- Mariátegui, J. C. (2007). *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Fundación Biblioteca Ayacucho.
- Marini, R. M. (2005). Dialética da dependência. In R. Traspadini, & J. P. Stedile (Orgs.), *Ruy Mauro Marini: vida e obra*. (pp. 137-180). Editora Expressão Popular.
- Marx, K. (1858/2011). *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Editora Boitempo.
- Marx, K. (1867/2017). *O capital*. Livro I. Editora Boitempo.
- Mazzeo, A. C. (2015). *Estado e burguesia no Brasil: origens da autocracia burguesa*. Boitempo.
- Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico?. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 320-332. <https://doi.org/10.1590/S1415-6552011000200010>
- Mészáros, I. (2011). *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Editora Boitempo.
- Mészáros, I. (2021). *Para além do leviatã: crítica do Estado*. Editora Boitempo.
- Miglievich, A. (2016). Intelectuais e epistemologia crítica latino-americana. *Rassegna Iberistica*, 39(105), 117-128. <https://doi.org/10.14277/2037-6588/Ri-39-105-16-7>
- Miranda, F. (2016). Marx e a América Latina? Uma crítica à tese de José Aricó. *Revista Outubro*, (27), 133-158. http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2016/11/05_Miranda_2016.pdf.
- Moura, C. (2019). *Sociologia do negro brasileiro*. Editora Perspectiva.
- Moura, C. (2021). *Dialética radical do Brasil negro*. Editora Anita Garibaldi.
- Netto, J. P. (2013). A questão social na América Latina. In: M. L. T. Garcia, & E. C. Raizer (Orgs.), *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano* (pp. 83-111). EDUFES.
- Pasqualini, J. C., & Martins, L. M. (2015). Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 362-371. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>
- Quijano, A. (2007). José Carlos Mariátegui: reencuentro y debate. In J. C. Mariátegui. *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana* (pp. 9 – 111). Fundación Biblioteca Ayacucho.
- Reyna, J. O. (2019). ¿América Latina desde Marx o Marx desde América Latina? Las tensiones entre la escritura idealista y la escritura materialista. *Cuadernos de Filosofía Latinoamericana*, 40(121), 189-213. <https://doi.org/10.15332/25005375.5477>.
- Souza, C. L. S. (2020). *Racismo e luta de classes na América Latina: as veias abertas do capitalismo dependente*. Editora Hucitec.
- Souza, C. L. S. (2021). Marx e o estudo da questão racial: elementos para uma análise desde a América Latina. *Revista Fim do Mundo*, (4), 20-41. <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2021.v2n4.p20-41>.